

BARBARA DE SOUZA SANTOS

Teoria do elo: a conexão invisível da violência

São Paulo

2022

BARBARA DE SOUZA SANTOS

Teoria do elo: a conexão invisível da violência

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Residência Uniprofissional em Medicina Veterinária – Área de Clínica Médica de Pequenos Animais da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo.

Orientador:

Profa. Dra. Silvia Regina Ricci Lucas

São Paulo

2022

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: SANTOS, Barbara de Souza

Título: **Teoria do elo: a conexão invisível da violência**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Residência Uniprofissional em Medicina Veterinária – Área de Clínica Médica de Pequenos Animais da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo.

Data: 12/01/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

RESUMO

SANTOS, B S. **Teoria do elo:** a conexão invisível da violência. 2022. 42 p. Trabalho de Conclusão do Curso (Residência Uniprofissional em Medicina Veterinária – Área de Clínica Médica de Pequenos Animais) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A interação humano-animal é antiga e aperfeiçoou-se durante um longo período até a obtenção dos laços afetivos firmados na realidade atual. Nesta relação, apesar de aspectos positivos serem frequentemente ressaltados, aspectos negativos também podem estar presentes. Da mesma maneira que conexões de carinho e cuidado se estabelecem, os animais podem ser alvo de negligência e atos violentos. A violência é um importante problema da saúde pública mundial e consiste num arranjo complexo que ocorre sob a influência de aspectos socioculturais e até mesmo econômicos. A teoria que considera a conexão dos diferentes tipos de violência, como se fossem unidas por um vínculo invisível, principalmente àquelas destinadas a indivíduos mais vulneráveis, é denominada: Teoria do Elo. Portanto, os profissionais de saúde das mais diversas áreas devem se manter integrados e atualizados sobre conceitos importantes relacionados a Saúde Única e a realidade da comunidade em que estão inseridos, afim de identificar e prontamente reagir a estas situações, que podem se intensificar em contextos específicos, como ocorreu no período pandêmico. O presente trabalho baseia-se na revisão de literatura livre, fundamentado em artigos nacionais e internacionais sobre o tema, e objetiva abordar a importância da Teoria do Elo na Saúde Pública e o papel do Médico Veterinário como um agente de transformação social capaz de interromper o ciclo de violência.

Palavras-chave: *Relação humano-animal, Saúde Única, cães, gatos.*

ABSTRACT

SANTOS, B S. **Link theory:** the invisible connection of violence. 2022. 42 p. Course Completion Work (Uniprofessional Residency in Veterinary Medicine - Small Animal Medical Clinic Area) - Faculty of Veterinary Medicine and Animal Science, University of São Paulo, São Paulo, 2022..

The human-animal interaction is old and perfected over a long period until obtaining the affective bonds signed today. In this relationship, although positive points are often highlighted, negative aspects can also be present. In the same way that affectionate connections are established, animals can be the target of neglect and violent acts. Violence is an important public health problem worldwide and consists of a complex arrangement that occurs under the influence of sociocultural and even psychological aspects. The theory that considers the connection of different types of violence, as if they were united by an invisible bond, mainly conscious aimed at more dependent individuals, is called: Link Theory. Therefore, health professionals from the most diverse areas must remain integrated and updated on important concepts related to One Health and the reality of the community in which they are inserted, in order to identify and record, react to these situations, which can intensify in contexts specific cases, as occurred in the pandemic period. The present work is based on a review of the free literature based on national and international articles on the subject and aims to address the importance of the Link Theory in Public Health and the role of the Veterinarian as an agent of social transformation capable of interrupting the cycle of violence.

Keywords: *Human-animal relationship, One Health, dogs, cats.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da diversidade de configurações familiares, incluindo a família interespécie

Figura 2 - Tríade comportamental: enurese, piromania e crueldade animal

Figura 3 - Campanhas internacionais direcionadas a conscientização da conexão entre a violência doméstica e animal

Figura 4 - Ciclo da Teoria do Elo

Figura 5 - Campanha promovida pela ONU Mulheres durante a pandemia, com objetivo de aumentar a visibilidade às mulheres e meninas que enfrentam situações de violência doméstica, devido ao agravamento do cenário nesse período

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais definições para o entendimento do conceito de abuso animal

Quadro 2 - Principais lesões não-acidentais verificadas na rotina veterinária e aspectos importantes para o diagnóstico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1. Um breve histórico	9
2.1.1. Cães	10
2.1.2. Gatos.....	11
3. INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL.....	12
3.1. Família multiespécie.....	12
3.2. Impactos na convivência	13
4. TEORIA DO ELO	16
4.1 Teoria do Elo no Brasil	20
5. PANDEMIA	23
6. O PAPEL DO MÉDICO VETERINÁRIO.....	25
7. CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Há tempos, o vínculo entre humanos e animais vêm sendo mantido em distintos contextos emocionais, culturais, sociais e históricos. As primeiras manifestações da interação humano-animal são milenares e acompanham o desenvolvimento humano sob constante transformação.

Por serem fonte de afeto e apoio em diversos momentos, a proximidade com os animais pode propiciar inúmeros benefícios à saúde mental e física de seus tutores, proporcionando conforto emocional, otimizando parâmetros fisiológicos e até mesmo facilitando a socialização.⁷ No entanto, embora se espere que esta relação ocorra sempre de maneira positiva e benéfica, há formas negativas de interação entre estes indivíduos, que se manifestam através das práticas de maus-tratos, negligência e crueldade contra os animais, culminando no fenômeno de violência.¹¹

A violência é considerada um grave problema de saúde pública no mundo e no Brasil.⁴ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera-se como violência “o uso intencional de força física ou poder, por ameaça ou real, contra si mesmo, outra pessoa, um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência ou privação de desenvolvimento”.¹⁵

Uma vez que, atualmente, os animais de companhia são considerados membros da família na maioria dos lares brasileiros, a agressão a eles destinada integra o ciclo de violência mais comum detectada no país: a violência doméstica.⁵

A relação entre a violência contra aos animais e seres humanos tem sido discutida há décadas, principalmente pelo ponto de vista teórico e filosófico.^{12,14,3} Nos últimos anos, pesquisas científicas de todo o mundo, atestaram a existência da conexão entre a violência interpessoal e a crueldade animal, denominada “Teoria do Elo”. Esta teoria afirma que há uma relação significativa entre a prática de maus-tratos aos animais e a violência contra pessoas.¹¹ Logo, a ocorrência de maus-tratos aos animais de companhia não deve ser encarada como um fator isolado, e atua como parte de um processo importante de sentinela à identificação de violência interpessoal e familiar^{8,2,13} visto que, a ameaça ou a agressão direta aos animais de estimação que ocorre em ambiente doméstico é uma das formas mais utilizadas para estabelecer controle sobre mulheres, idosos e crianças.¹

Nesse cenário, o médico veterinário tornou-se um personagem muito importante ou até, indispensável, pois é o profissional que possui condições de reconhecer e diagnosticar lesões não acidentais e situações de maus-tratos destinada aos animais de estimação. Assim, identificar a agressão contra o animal e a existência de um possível elo com a violência doméstica, pode ser o primeiro passo na quebra do ciclo violento.^{1,7,11} A compreensão da conexão entre o abuso animal e a violência humana é fundamental para a promoção do bem-estar de ambas as espécies³ e transforma o médico veterinário em um profissional essencial no encaminhamento do problema à esfera da saúde pública.⁹

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Um breve histórico

Identificar o momento exato do início da relação entre humanos e animais é um desafio até mesmo para especialistas da área. No entanto, é de consenso entre o arqueólogos e geneticistas que os cães foram os primeiros animais a serem domesticados e tornaram-se companheiros dos humanos há aproximadamente 15 mil anos¹⁷, mesmo que algumas evidências apontem uma relação bem mais antiga, que remonta há mais de 100 mil anos. De fato, independentemente do início exato dessa união, a jornada da humanidade conta há muito tempo com a companhia dos animais, que detém um papel vital no desenvolvimento das civilizações desde a pré-história¹⁸. Logo, para uma melhor compreensão da interação e do vínculo afetivo firmado entre humanos e animais é preciso resgatar a origem dos cães e gatos.

De início, os animais eram encarados em sua materialidade, cujo o interesse resumia-se exclusivamente em critérios de utilidade para as atividades humanas de alimentação, segurança e transporte. Conforme obteve maior domínio da agricultura, o ser humano tornou-se mais sedentário e começou a cuidar dos animais em um processo natural, vinculando-os a outros valores, como companheirismo e afeto, o que ressignificou os elos existentes entre as pessoas, os cães e gatos¹⁹. Gradualmente, houve o despertar de uma relação que poderia proporcionar benefício mútuo para ambas espécies e esses novos laços foram lapidados até alcançar a íntima relação contemplada na atualidade.

2.1.1. Cães

Alguns estudos genéticos e arqueológicos defendem que os cães se tornaram próximos ao convívio humano ainda quando o *Homo sapiens* se comportava como nômade.

O histórico do cão doméstico – *Canis lupus familiaris* – permeia inúmeras teorias sobre sua domesticação, mas nenhuma é tão bem elucidada. Por muito tempo acreditou-se que os cães domésticos tinham como principal ancestral o lobo-cinza (*Canis lupus*), visto que compartilham 99,8% do DNA mitocondrial e inúmeras semelhanças morfológicas e fisiológicas. De acordo com esta teoria, aos poucos, o homem teria compartilhado espaços de caça com estes indivíduos, estreitando o contato com os lobos selvagens que, com o tempo, movidos pelo comportamento e desejo de vivência em grupo presente na natureza das duas espécies, teriam passado a cooperar entre si: os lobos consumindo restos alimentares dos homens e os homens aproveitando o comportamento dos lobos para encontrar água, caça e afastar outros predadores das proximidades de suas habitações²⁰.

Entretanto, apesar de bem perpetuada, a teoria que o lobo-cinza tenha sido o ancestral do cão doméstico é considerada pouco provável. Pesquisas ressaltam que características já conhecidas e atribuídas ao lobo-cinza o tornam um animal de difícil socialização, sendo praticamente impossível de ser domesticado. Além disso, acredita-se que em um curto tempo evolutivo os cães não teriam perdido características tão importantes de uma espécie carnívora e caçadora, principalmente quando comparada a outros animais domésticos também carnívoros, como os gatos, que ainda mantém grandes semelhanças comportamentais com seus ancestrais selvagens²¹. Por fim, um dos maiores impasses para esta teoria, é que em novas tentativas de domesticação de lobos, mesmo quando realizadas por pesquisadores ou indivíduos experientes, não foi possível reproduzir plenamente essa domesticação, já que mesmo quando filhotes de lobos são submetidos a esta tentativa, ao crescerem não desenvolvem características comportamentais de um cão, e sim de um lobo menos selvagem²².

Atualmente, a hipótese de que uma espécie de lobo já extinta tenha originado tanto o cão doméstico quanto o lobo-cinza, muito antes do contato humano, é a mais condizente com achados arqueológicos, mesmo que ainda seja difícil de corroborá-la. Este ancestral comum, denominado “proto-cão”, possui maior proximidade das

características dos cães atuais, por não ser tão caçador, como os lobos, mas um animal que se naturalmente já se alimentava de restos, sendo mais propenso a não temer a aproximação de outros animais, inclusive do homem²³.

Não se descarta que, por muitas vezes, o homem possa ter reagido negativamente à presença do “proto-cão”, mas possuir um “lixo” próximo a suas vilas e habitações pode ter sido encarado como uma nova vantagem, até que outros proveitos fossem sendo percebidos e o homem passasse a inserir o visitante no interior de suas moradias, visando benefício próprio ²¹.

Durante o Mesolítico, os cães foram utilizados como auxiliares de caça e aumentaram significativamente a eficiência da caça cooperativa com humanos, contribuindo até mesmo para a extinção de diversas espécies predadas na época. Desde a Primeira Guerra Mundial, assumiram participações em combate, ações táticas e salvamentos, sendo mantidos em treinamentos até hoje²⁴. Aos poucos, assumiram cada vez mais relação com *status* social e a prática de esportes. Mais tarde, a associação do cão com a nobreza e, posteriormente com a moda, foram os maiores motivadores da seleção de espécimes perfeitos com o propósito puramente estético, o que impulsionou o desenvolvimento de diversas raças na Europa, reduzindo a um menor grau o uso dos cães no trabalho e o inserindo dentro dos lares e rotinas familiares.

2.1.2. Gatos

Já a relação com os gatos – *Felis silvestris catus* - descendentes de um felino selvagem, sofreu bruscas transformações ao longo dos séculos. Embora convivam com os humanos há aproximadamente 10 mil anos ²⁵, começaram a ganhar espaço dentro dos lares mais tarde, há cerca de 4 mil anos, no antigo Egito, onde eram considerados animais sagrados, honrados e adorados como deuses, sendo proibido matá-los. Com o tempo, os gregos e romanos também passaram a reconhecer o seu valor como um grande caçador de ratos, iniciando sua conquista em outras sociedades^{25,26}.

Na idade média, os gatos perderam popularidade, pois foram associados à bruxaria e a “energias malignas”. A ideia foi, inclusive, reforçada por importantes entidades religiosas, como o papa Gregório IX que publicou uma bula papal

relacionando os gatos pretos ao demônio. Na Europa, os felinos também sofreram com a perseguição quando foram relacionados a peste negra, doença transmitida pela pulga dos ratos, sendo por isso associada aos gatos, custando a vida de milhares deles. Infelizmente, muitas dessas superstições ainda permanecem enraizadas na cabeça de algumas pessoas e, ainda hoje, é comum o receio alimentado pela crença popular de cruzar o caminho de gato preto e do azar que ele possa causar^{25,27,28}.

Na metade do século XVIII, os gatos foram novamente considerados bons animais de estimação e voltaram ao convívio com os seres humanos. Atualmente, houve um aumento significativo da preferência popular pela espécie em questão. Além da uma beleza exuberante, a independência e fácil adaptação a ambientes pequenos e ao estilo de vida moderno, são fatores que têm levado o brasileiro a se interessar mais pela espécie^{25,26}, principalmente aos habitantes de grandes metrópoles com tendência a verticalização das moradias e rotinas intensas de trabalho.

3. INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL

Ao decorrer do tempo, tanto cães quanto gatos tornaram-se importantes companheiros para a sociedade humana. Atualmente, é inegável que os animais de estimação integrem espaços importantes nas vidas das pessoas.

3.1. Família multiespécie

Cada vez mais, a antiga definição de família, pautada na consanguinidade e no grau de parentesco, vem sendo substituída por uma designação mais ampla e complexa, baseada no grau de afinidade e coabitAÇÃO, o que ampliou os tipos de configuração familiar.

Diante das mudanças observadas nas novas configurações, a família interespécie ou multiespécie, obteve ascensão no contexto social. Composto por humanos e seus animais de estimação, esse arranjo familiar reconhece e legitima cães e gatos como membros da família e integrantes inclusos na rotina e na programação das despesas financeiras familiares²⁹.

A realidade da sociedade e aspectos da vida moderna, parecem influenciar na aquisição de animais de estimação. A mulher contemporânea, por exemplo, passa pela reformulação de diversos anseios políticos, profissionais e objetivos pessoais,

que muitas vezes, não incluem a geração de um filho, mesmo que ainda, muitas mulheres sejam frequentemente cobradas pela sociedade referente ao assunto, especialmente se possuem condições financeiras e um relacionamento estável. Toda via, é considerável o número ascendente de mulheres que não aspiram à maternidade atualmente, o que justifica o declínio das taxas de natalidade e as novas formas de organização familiar⁷⁴, reforçando a tendência crescente da presença dos animais de estimação dentro dos lares brasileiros em relação às crianças.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET)⁷¹ de 2021, o Brasil abriga a terceira maior população de animais de estimação do mundo, com cerca de 149,6 milhões de animais tutelados por humanos, sendo 58,1 milhões de caninos e 27,1 milhões de felinos.



Figura 1. Representação da diversidade de configurações familiares, incluindo a família interespécie. Fonte:Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

3.2. Impactos na convivência

Os laços afetivos construídos entre humanos e animais foram, gradativamente, sendo acentuados. A ideologia que a vida humana compartilhada com animais tem se tornado uma nova forma de existência, sustenta a crescente aquisição de animais de estimação, principalmente os cães e gatos, que vêm assumido grande importância na

saúde física e mental do ser humano, bem como servindo de apoio emocional à uma civilização moderna que tende a isolar as pessoas³⁰.

Crianças que mantém contato com animais de estimação têm sua sensibilidade e afetividade estimuladas, desenvolvem maior senso de responsabilidade e solidariedade, e compreendem melhor o ciclo da vida e da morte³⁰. Para idosos, podem promover alívio e conforto em momentos de mudanças e perdas, situações comuns nessa etapa da vida, além de estimular a convivência social e promover maior auto estima³¹.

Benefícios à saúde física também podem ocorrer através desta interação, já que a presença do animal de estimação na família pode estimular tanto adultos como crianças sedentárias e obesas a realizarem exercícios com maior frequência e estimular hábitos mais saudáveis³⁰.

Os ganhos à saúde mental e emocional também são inúmeros. Cada vez mais, a vida moderna promove o distanciamento físico entre as pessoas, e o ser humano enquanto um ser social, necessita de contato e de toque. O ato de acariciar um animal de estimação pode reduzir o estresse e o sentimento de solidão, muitas vezes causado por essa falta de interação social³². Essa relação mostra-se igualmente vantajosa no âmbito social³³, pois os animais podem promover a aproximação das pessoas e a manutenção do contato entre àquelas que possuem seus animais de estimação como um interesse em comum³⁴.

Além da valiosa companhia, os animais de estimação são também utilizados para proteção e auxílio de pessoas com dificuldade de locomoção³⁵ proporcionando melhora na inclusão, acessibilidade e qualidade de vida desses indivíduos, bem como desempenham atividades assistidas com fins terapêuticos.

Os animais também podem ser considerados beneficiados pelo contato com o homem, pois a eles são oferecidos comida, água, abrigo, cuidado e proteção contra perigos³³.

Contudo, em meio a todos os benefícios que podem ser proporcionados através da interação humano-animal, ainda assim é preciso considerar alguns aspectos negativos. A perda de um animal, seja por doença, roubo ou desaparecimento, pode acarretar intenso sofrimento, luto e inclusive depressão àqueles mais próximos³⁶. Os custos para o cuidado e manutenção dos animais também são apontados como causa de angústia e preocupação por alguns tutores, principalmente quando relacionadas a imprevistos ligados a saúde de seus animais³⁷.

Transtornos psicológicos também podem se desenvolver a partir desta aproximação. O acúmulo de animais é um tópico emergente no contexto de Saúde Única. O distúrbio é caracterizado pela dificuldade do indivíduo em se desfazer de seus animais, sendo tal atitude motivada por sentimentos de solidão e isolamento social. Na maioria das vezes, o ambiente onde estes indivíduos habitam tende a ser insalubre, pois secreções e excreções presentes podem favorecer o desenvolvimento de doenças e o comprometimento do bem-estar dos animais, infringindo seus direitos legais, e impactando negativamente na qualidade de vida das pessoas que compartilham o mesmo ambiente³⁸.

Os cruzamentos indiscriminados e endogâmicos aos quais os cães foram submetidos, principalmente para a obtenção das linhagens de raças, resultaram em inúmeras doenças de origem genética, a maioria herdada de maneira autossômica recessiva. As impactantes mudanças fenotípicas observadas nos últimos anos predispuseram os cães à acondroplasia, hipocondroplasia e dobras excessivas de pele, por exemplo, tornando-os mais suscetíveis a dificuldades respiratórias, partos distócicos e afecções dermatológicas⁷⁰.

O comportamento humano também não é perfeitamente compatível com ao do cão e gato, portanto algumas posturas agressivas do cão⁷⁰, ou até mesmo comportamentos naturais dos gatos, não são reconhecidas de forma inata pelos humanos, levando à advertência destes animais que podem originar traumas e problemas comportamentais.

A proximidade com os humanos também proporcionou o aparecimento e a ascensão de doenças zoonóticas, sendo que, dos patógenos conhecidos de carnívoros domésticos, 92% também acometem o homem, mesmo que apenas um pequeno número dessas doenças possui elevado potencial zoonótico⁷⁰.

Mesmo sob a análise dos prós e contras, a criação de animais de estimação tem se tornado um hábito cada vez mais praticado pela população, o que impacta em mudanças de comportamento e pensamentos acerca da responsabilidade e cuidados necessários³².

O nível de cuidado e a qualidade de vida destinada aos animais de estimação, agora intimamente inseridos a rotina das famílias, pode potencialmente refletir a dinâmica de um lar. Portanto, é necessário atentar-se a pequenos sinais expressados na relação humano-animal, uma vez que estes são, de certa forma, capazes de

retratar a realidade familiar, que pode se manifestar como uma realidade calma e respeitosa, bem como uma realidade violenta e negligente.

4. TEORIA DO ELO

“A Teoria do Elo” ou do “*Link*”, surgiu nos Estados Unidos há aproximadamente 50 anos. A teoria trata da conexão entre a violência contra animais e a violência interpessoal, seja ela direta ou indireta, principalmente destinada à indivíduos mais vulneráveis. Dessa forma, evidencia-se que a crueldade animal, a violência doméstica e o abuso infantil estão intimamente conectados e se perpetuam de forma circular até que sejam de alguma maneira desfeitos³⁹.

Para compreender o fundamento da Teoria do Elo é necessário percorrer parte da linha de pesquisa já realizada a cerca deste tema e relembrar os principais estudos e responsáveis para a consolidação deste conceito de grande relevância à saúde pública.

Em 1963, John Macdonald, um psiquiatra forense dos Estados Unidos, promoveu um estudo que analisou 100 pacientes adultos, do Hospital Colorado de Psiquiatria, em Denver, condenados por homicídio. Durante o estudo, denominado “A Ameaça do Matar”⁴⁰ o autor concluiu três características comuns que ocorreram na infância e adolescência da maioria dos participantes: a enurese persistente (incontinência urinária noturna após os 5 anos de idade), a piromania (fascínio pelo fogo e atos incendiários) e a crueldade animal – o conjunto destas características foi denominada: Tríade Comportamental. O autor indica em sua pesquisa que a presença de pelo menos 2 desses comportamentos, ainda na infância ou adolescência, poderiam sinalizar um futuro homicida.

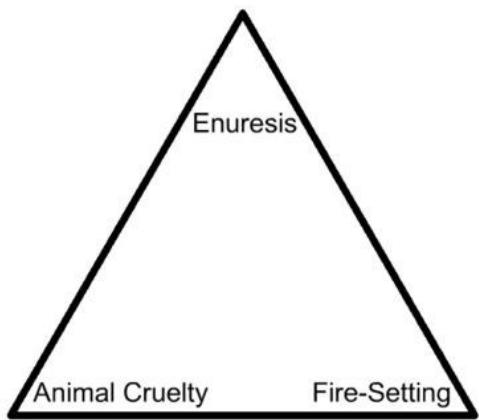


Figura 2: Tríade comportamental: enurese, piromania e crueldade animal. John Macdonald (1963).

Macdonald sugeriu que a enurese persistente após os 5 anos de idade pode estar ligada ao reforço dos sentimentos de humilhação e vergonha, tornando o indivíduo cada vez mais ansioso e indefeso à medida que o comportamento se perpetua, o que gera estresse e ansiedade, e poderia contribuir de modo reflexo para a manifestação de outros componentes da tríade como a piromania e a crueldade animal.

O autor pontua que a piromania – fascínio de um indivíduo por atos incendiários e as consequências causadas por eles – pode ser usado como um modo de desabafo por crianças e adolescentes frente a sentimentos de agressão e desamparo provocados pela humilhação de outros indivíduos ou de determinadas situações sobre os quais sentem que não têm controle.

Já a crueldade animal decorreria devido a frustração de sentirem-se humilhados durante longos períodos por indivíduos mais velhos e autoritários contra os quais as crianças não podiam retaliar. Em vez disso, descontam suas frustrações sobre os animais afim de extravasar sua raiva em algo considerado mais fraco e indefeso, o que possibilita uma sensação de controle sobre o seu ambiente.

Todavia, esta teoria foi refutada diversas vezes por ignorar outros fatores relacionados. Vale a pena ressaltar que o próprio Macdonald não conseguiu encontrar uma ligação tão segura e definitiva entre esses comportamentos e a relação com

violência adulta, mas isso não impediu que outros pesquisadores buscassem aprofundar e validar uma conexão entre eles.

No artigo publicado com título “O Link entre o Abuso Animal e a Violência Humana” Macdonald foi apontado, pelos psicólogos Mary Louise Petersen e David Farrington⁶³, o pioneiro ao abordar, especificamente, a crueldade animal como um indício para uma pessoa tornar-se violenta no futuro, mesmo que sua pesquisa buscassem indicar, como dito, um homicida, e não qualquer indivíduo violento.

A teoria de Macdonald também serviu de motivação para que em 1966, Daniel Hellman e Nathan Blackman⁶⁴ publicassem o estudo intitulado “Incêndio e crueldade animal: A tríade para prever um crime adulto”. Desta vez, com a participação de 84 presidiários condenados por crimes violentos e não apenas por homicídios, concluíram que os três comportamentos mencionados na Tríade Comportamental, presentes de forma simultânea em crianças e adolescentes, poderiam indicar o prognóstico de pessoas violentas no futuro, mas não necessariamente homicidas. Sendo assim, quanto mais cedo fosse detectada a tríade, mais precocemente poderiam ser evitados crimes futuros. Ainda neste estudo, os autores já sugeriram, mesmo que sem aprofundamento, que o abuso, a rejeição ou a negligência familiar poderiam desempenhar um papel nesse desfecho.

Em 1971, o professor Fernando Tapia⁶⁵ promoveu um estudo com 18 crianças e adolescentes, recolhidas na Seção de Psiquiatria Infantil da Universidade de Missouri (EUA), que possuíam histórico de crueldade animal. Todas as crianças e adolescentes tinham origem em lares conturbados com pais agressivos. Segundo Tapia, isso reforçou que o modelo familiar é capaz de induzir comportamentos violentos em crianças e adolescentes.

Em 1979, Felthous⁹ realizou um estudo relacionando o histórico de comportamento infantil agressivo em adultos com distúrbios psiquiátricos. Divididos em grupos de pacientes agressivos e não agressivos, concluiu que era mais comum a presença do histórico de crueldade animal no grupo de pacientes psiquiátricos agressivos, além destes apresentarem componentes da Tríade Comportamental, como a enurese persistente e a prática de atos incendiários, e possuírem problemas no círculo familiar, como pais dependentes de álcool. A partir desse estudo, em 1985, Felthous deu continuidade a pesquisa, agora juntamente com Stephen R. Kellert⁴², desta vez abordando o tema da crueldade animal na adolescência, com 152 pessoas que foram divididas nos seguintes grupos: criminosos agressivos, moderadamente

agressivos e não criminosos. Mais uma vez, o resultado obtido acendeu o alerta a comunidade acadêmica sobre a importância de considerar a crueldade animal na infância como um potencial indicador de distúrbio no relacionamento familiar e a tendência a um futuro comportamento agressivo⁴¹.

Frank Ascione foi o primeiro a relacionar a crueldade animal com a questão de gênero⁶⁶. Em 1997, realizou uma pesquisa que avaliou a crueldade contra animais de estimação praticado por parceiros de mulheres que sofriam violência doméstica. Mais de 2/3 das mulheres do estudo afirmaram que seus animais de estimação haviam sido ameaçados ou feridos por seus companheiros, assim como, 1/3 delas relatou que seus filhos já haviam maltratado, até mesmo culminando em desfechos fatais, seus animais de estimação, evidenciando que o comportamento agressivo de seu companheiro se refletia na construção da personalidade de seu filho. Constantemente, os animais são utilizados como forma de coerção contra mulheres que sofrem violência doméstica ou que estão inseridas em uma relação abusiva, algumas vezes tornando-se até um impedimento para que estas se afastem dessas situações, visto que devido à forte conexão sentimental entre as mulheres agredidas e seus animais de estimação, adiam sua ida ao abrigo de mulheres vítimas de agressão por receio que maus-tratos sejam destinados ao seu cão ou gato. Desde então, baseado na importância desta teoria, diversos esforços para o levantamento de dados e a realização de pesquisas foram realizados objetivando o enfrentamento da violência doméstica em diferentes lugares do mundo.



Figura 3: Campanhas internacionais direcionadas a conscientização da conexão entre a violência doméstica e animal.

4.1 Teoria do Elo no Brasil

No Brasil, em 2011, a psicóloga Maria José Sales Padilha foi a primeira a abordar o estudo sobre a Teoria do Elo, em Pernambuco, com o tema “Crueldade com animais X Violência doméstica contra mulheres: uma conexão real⁴⁴”. O questionário foi aplicado a mulheres que buscaram ajuda em delegacias especializadas após sofrerem violência por seus companheiros. Apesar da distância entre as pesquisas, os resultados corroboraram com o estudo citado acima onde, em média, 50% dessas mulheres declararam que seus agressores já haviam violentado os seus e outros animais, sendo a violência física a mais praticada por eles. Dessa forma, mais uma vez, concluiu-se que as mulheres e animais de estimação eram vítimas dos mesmos agressores.

Marcelo Nassaro (2013)⁴¹, analisou registros criminais da Polícia Militar do Estado de São Paulo referente a pessoas autuadas por maus-tratos aos animais entre os anos de 2010 a 2012. O estudo concluiu que um animal de estimação maltratado em um ambiente familiar é um indício de que outros indivíduos possam estar em risco naquela família, e que crianças e adolescentes expostos podem desenvolver

transtornos mentais e reproduzir atos violentos contra animais e outras pessoas no futuro. Estudos demonstram que crianças que possuem o histórico de violência familiar, ou que testemunharam maus-tratos a animais, como negligência e abandono, foram quase 5 vezes mais propensas a maltratarem animais de companhia⁴⁵. Numa pesquisa com jovens adolescentes que relataram que seus animais sofriam maus-tratos, 50% deles também vivenciavam a realidade da violência doméstica⁴⁶.

Ainda sob tentativa de estabelecer um padrão, a violência contra os animais é mais frequentemente praticada por meninos do que por meninas⁴⁷, e costuma ser mais executada por adolescentes jovens⁴⁸. No entanto, Nassaro ressalta que nem todas as crianças e adolescentes que maltratam animais manifestaram-se violentas na fase adulta, assim como alguns indivíduos sabidamente violentos não possuíam histórico de violência doméstica.

Outros pesquisadores do Brasil⁴⁹, através de uma revisão sistemática em 2017, demonstraram que grande porcentagem das publicações sobre este assunto eram provenientes da América do Norte, sendo poucos estudos direcionados a realidade da América do Sul. O estudo do tema baseado em questões sociais, econômicas e culturais presentes no Brasil é de extrema importância, visto que estes fatores podem influenciar no perfil de uma relação violenta. Connor (2018)⁴⁸ relata que, jovens adolescentes de regiões rurais e/ou com baixas condições socioeconômicas são mais propensos a praticar violência animal, o que corrobora com as conclusões de Baquero (2018)⁵⁰, que cita o índice de vulnerabilidade social como um fator de risco para as notificações de violência interpessoal, assim como no número de notificações de violência animal.

Uma pesquisa realizada pela Secretaria de Transparência sobre a violência doméstica e familiar⁶⁷ em 2013, apontou que apesar da violência contra a mulher estar presente em todos os segmentos da sociedade, os percentuais mais elevados foram registrados entre as que possuem menor nível de escolaridade e baixa renda. O tipo de violência mais frequentemente relatada pelas vítimas é a física, sendo seguida da violência moral e psicológica. Neste cenário, os animais de estimação também sofrem as consequências e tornam-se ferramenta de opressão contra as vítimas, colaborando para a perpetuação de um elo violento e complexo⁵³. Desta forma, estudos personalizados para a realidade brasileira são indispensáveis na construção de medidas estratégicas de identificação e prevenção dos ciclos de violência.

A qualidade dos dados e as medidas adotadas para a obtenção dos mesmos é de extrema importância na vigilância e mapeamento da violência. Um estudo⁵¹ conduzido em 2022 analisou casos de violência doméstica e maus-tratos aos animais no município de Pinhais/PR com o objetivo de verificar a existência de uma correlação entre os eventos. Contudo, concluiu-se que as informações obtidas separadamente não demonstraram um correlação confiável por necessitar de uma avaliação de outros fatores importantes à família multiespécie, o que reforça a necessidade de integralização das informações entre as instituições responsáveis no combate à violência. Neste contexto, foi proposto um instrumento que incluísse os animais de estimação na rotina analítica de instituições que fazem o acompanhamento de mulheres vítimas de violência doméstica, como forma de também otimizar o rastreamento de casos de maus-tratos aos animais simultaneamente presentes nesses lares caóticos.

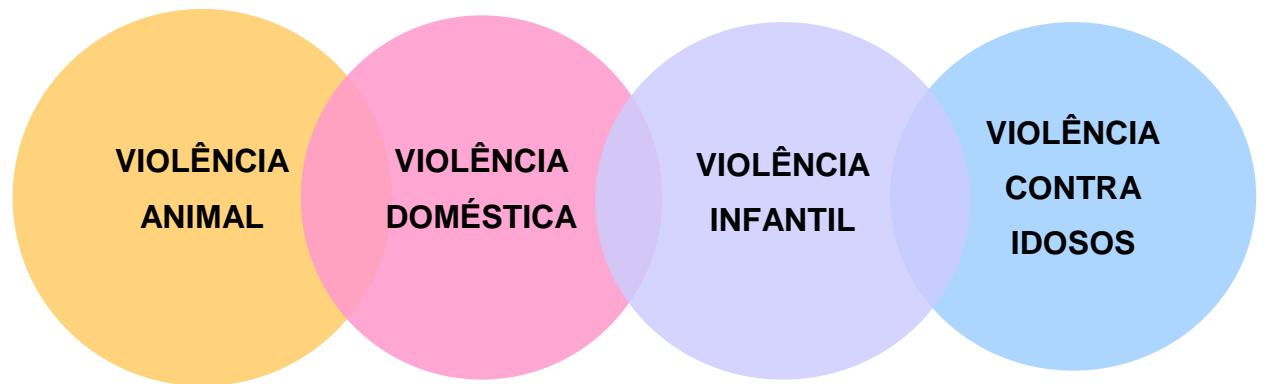


Figura 4: Ciclo da Teoria do Elo. Adaptada Philips (2015)⁶⁸.

Baseado nestes resultados, supõe-se que quando as três variáveis estão presentes (crueldade animal, abuso infantil e violência doméstica), concomitante ou isoladamente, devem servir como um alerta para que se antecipem providências a fim de romper este ciclo⁴¹, que quando presente dentro do ambiente familiar, promove o desenvolvimento de transtornos psicológicos importantes, principalmente à vida daqueles mais vulneráveis: mulheres, idosos, crianças, jovens e animais – tornando-os fadados a danos traumáticos irreparáveis. Portanto, a busca pela habilidade na detecção da violência doméstica deve ser exercitada por todos os profissionais de

saúde, sendo entendida e enfrentada como uma importante questão de saúde pública⁵².

5. PANDEMIA

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarava o estado de pandemia causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, que projetaria consideráveis impactos sociais, econômicos e políticos até então desconhecidos pela população mundial. Embora o isolamento tenha sido uma medida necessária e eficaz para reduzir os efeitos diretos da Covid-19, o regime impôs uma série de consequências à vida de inúmeras pessoas, principalmente mulheres, que viviam em situação de violência doméstica e foram obrigadas a permanecer mais tempo dentro de seus lares junto a seus agressores.

Uma nota técnica divulgada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020)⁶¹ ressalta que, paradoxalmente a diminuição das denúncias realizadas pelos meios oficiais disponibilizados pelos órgãos públicos, houve aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia. A justificativa para este acontecimento é que, em função do isolamento social, muitas mulheres não conseguiam sair de casa para oficializar seu relato e, como em sua grande maioria são agredidas pelo próprio parceiro de relacionamento, havia maior receio em realizá-lo devido à proximidade do agressor. Portanto, a queda aparente do número de casos não reflete a realidade, e sim a dificuldade de realizar a denúncia, principalmente via registros de ocorrência que demandam a presença física da vítima, o que tornou silenciosa a ascensão da violência doméstica neste período.

Na tentativa de combater a violência doméstica durante a pandemia, e reconhecendo a maior dificuldade de denúncia por parte destas mulheres, a Organização das Nações Unidas (ONU) recomendou aos países uma série de medidas preventivas⁶⁹. Dentre as sugestões, destacam-se o investimento em atendimento *online*, serviços de alerta de emergência em estabelecimentos como farmácias e supermercados e, a criação de abrigos temporários para vítimas, visto que a perda de emprego e a diminuição da renda familiar também foi sentida de forma mais intensa entre as mulheres vítimas dessa realidade, o que tornou mais difícil o rompimento com parceiros abusivos ou a interrupção de relações violentas.



Figura 5: Campanha promovida pela ONU Mulheres durante a pandemia, com objetivo de aumentar a visibilidade às mulheres e meninas que enfrentam situações de violência doméstica, devido ao agravamento do cenário nesse período.

Tendo em vista a dificuldade que as mulheres agredidas encontraram de fazer suas denúncias neste período, a percepção de indivíduos externos sobre os episódios, e a busca por uma maior conscientização para que estes denunciem os atos de violência doméstica, tornou-se fundamental na tentativa de assegurar novas medidas de proteção às vítimas. Desde 2013, acredita-se no início de uma mudança cultural quanto a menor tolerância à violência contra a mulher. Uma pesquisa realizada pelo Data Senado⁶⁷ revelou que a máxima popular de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” estaria se tornando ultrapassada, já que mais da metade das entrevistadas concordaram que a denúncia possa ser realizada por qualquer pessoa que tenha conhecimento da agressão. Estudos evidenciam que os relatos de brigas com indícios de violência doméstica realizados por terceiros através de mídias sociais ocorreram mais frequentemente entre os meses de fevereiro e abril de 2020, apresentando um aumento de 431%, quando comparado ao mesmo período do ano anterior. Ao mesmo tempo, a porcentagem de denúncias apresentava redução considerável, o que remonta que apesar da maior conscientização de terceiros, os mesmos parecem ainda não oficializar suas denúncias.

Os dados de feminicídio no período de isolamento social são os que mostraram maior variação nos registros oficiais. Embora não seja possível afirmar que as

mudanças impostas na pandemia pela quarentena são as grandes responsáveis por estes números, trata-se de uma forte hipótese a ser considerada e que exige acompanhamento por parte do Estado e dos Serviços de Saúde⁶⁷.

Ao que se refere a violência doméstica destinada às crianças e adolescentes o cenário é similar. O isolamento social, a suspensão das aulas e o trabalho *home office* levou os pais a maior convivência com seus filhos, o que parece ter gerado impacto negativo no índice de violência intrafamiliar em alguns lares.

No primeiro semestre de 2020, o número de denúncias computadas de violência contra criança e adolescente pelo disque 100 - um dos canais da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos foi de 53 mil, mantendo-se em 51 mil no primeiro semestre de 2021, sendo que 81% ocorreram em ambiente familiar. No entanto, igualmente ao cenário encontrado na violência contra a mulher, a redução irreal no número de denúncias destes casos pode estar relacionada a uma subnotificação, já que as crianças confinadas no ambiente familiar, fora do ambiente escolar, dificulta o reconhecimento desta situação, pois o distanciamento social absteve as crianças e adolescentes da convivência comunitária, o que consequentemente reduz a percepção da violência e denúncia⁷².

No relativo a ocorrências de crimes contra cães, gatos e outros animais de estimação, o aumento no período pandêmico foi superior a 10%. Na Delegacia Eletrônica de Proteção Animal (DEPA) da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, o número de denúncias passou de 4.108 no início de 2019 para 4.524 no mesmo período em 2020⁷³. Um dos fatores que podem ter contribuído para este acréscimo é também o maior tempo de permanência das pessoas em ambiente doméstico.

No geral, os dados denotam que o momento pandêmico e a crise sanitária dificultaram o enfretamento da violência domiciliar, já que diversas condições impostas pelo isolamento afastaram esses indivíduos da sua rede de proteção, tornando alguns lares tão perigosos quanto ao mundo externo vivenciado naquele período.

6. O PAPEL DO MÉDICO VETERINÁRIO

O papel do médico-veterinário sofreu considerável expansão nos últimos anos, indo além do tratamento de lesões e doenças e colocando-o como importante

defensor do bem-estar animal e importante agente de saúde pública, através do reconhecimento e prevenção do abuso animal.

O esclarecimento de conceitos relacionados ao abuso animal é importante no processo de aprendizado e na aplicação do reconhecimento de fatores da Teoria do Elo na prática (Quadro 1).

Quadro 1 – Principais definições para o entendimento do conceito de abuso animal.

Negligência	Ato de omissão que significa falta de cuidado, falha em fornecer as necessidades físicas e emocionais como água, comida, sombra, medicamentos, cuidados veterinários, compaixão e afeição.
Crueldade	Comportamento intencional que causa dor desnecessária, sofrimento, angústia ou morte de um animal, incluindo o abuso físico, emocional/psicológico ou sexual.
Maus-tratos	Praticado de forma passiva (negligência), ativa (crueldade) ou através da combinação dos dois tipos

Fonte: ASCIONE (1993)⁵³ ARKOW e LOCKWOOD (2013)⁵⁴

No Brasil, a negligência, ou também denominada de violência passiva, é o tipo mais comum de maus-tratos.

As clínicas, consultórios e hospitais veterinários são os locais com maior probabilidade de receberem animais vítimas de crimes. Os profissionais responsáveis devem estar aptos para o atendimento destes casos, e possuir entendimento necessário de que o ato de maus-tratos a um animal não é mais visto como um incidente isolado, e pode representar a não segurança de outros indivíduos da família.

Levando em consideração a inexistência de manuais e cursos preparatórios que auxiliam os profissionais na avaliação inicial de casos de maus-tratos, o Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo confeccionou o “Guia Prático para Avaliação Inicial de Maus-Tratos a Cães e Gatos do CRMV-SP”⁵⁵ para a auxiliar na identificação destas situações.

Qualquer animal que passe por uma consulta clínica deve ser submetido a minuciosa coleta de dados via anamnese com seu tutor, seguida de um exame físico completo, onde indícios de maus-tratos poderão se manifestar. O veterinário deve atentar-se ao escore corporal, o estado das unhas, condição da pele, pelagem e estado de vacinação. Do início ao fim do atendimento, a avaliação do nível de

consciência, postura, locomoção, condição nutricional e alterações comportamentais devem ser avaliadas. Estas observações coletadas com cautela imprimem uma impressão geral do estado do animal, muito útil para a percepção de problemas, inclusive se há a chance do animal em questão ser vítima de maus-tratos ou negligência⁶⁰. Deve-se estar atento a qualquer trauma ou lesão antiga e solicitar análises laboratoriais e testes diagnósticos que forem necessários para o esclarecimento de suspeitas⁵⁷.

Os pacientes em estado crítico e que necessitem de cuidados de urgência devem ser estabilizados primeiro, para que a coleta de informações seja concluída posteriormente⁵⁷.

Quadro 2 - Principais lesões não-acidentais verificadas na rotina veterinária e aspectos importantes para o diagnóstico.

<i>Tipo de lesão</i>	<i>Examinar</i>	<i>Diagnóstico</i>
<i>Traumatismo craniano</i>	<ul style="list-style-type: none"> Assimetria por contusões ou fraturas Petéquias Ruptura de membranas timpânicas 	<ul style="list-style-type: none"> Radiografias Exame do ouvido interno
<i>Escoriações ou contusões</i>	<ul style="list-style-type: none"> Evidência de sanação de contusões ou cortes Infiltração de resíduos na pele ou pelo (arrastamento ou arremesso) Fratura de ossos e costelas, incluindo evidências de lesões passadas 	<ul style="list-style-type: none"> Radiografias Atentar-se a localização, tamanho e forma, de modo a correlacionar com potencial arma compatível
<i>Lesões em membros</i>	<ul style="list-style-type: none"> Unhas esgarçadas Coxins lacerados ou cortados 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar as patas com cautela para

	<ul style="list-style-type: none"> Resíduos presos entre os coxins e pelos, ou dentro das unhas esgarçadas 	<ul style="list-style-type: none"> preservação da evidência dos resíduos Em caso de óbito, remover DNA das unhas
<i>Queimaduras</i>	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar odor de ferimentos de modo a identificar acelerantes de combustão, óleos ou químicos 	<ul style="list-style-type: none"> Limpar a ferida antes e depois do tratamento para análise de produtos químicos Fotografar o padrão das queimaduras
<i>Inanição</i>	<ul style="list-style-type: none"> Evidências de PICA Úlcera gástrica Sangue oculto nas fezes Melena 	<ul style="list-style-type: none"> Perfil de rotina (escore corporal) Examinar conteúdo fecal Ultrassonografia
<i>Coleira incrustada</i>	<ul style="list-style-type: none"> Sinais visíveis de trauma Odor fétido de infecção e necrose Evidências de corrente pesada usada como coleira 	<ul style="list-style-type: none"> Tricotomia da região Fotografar antes e após tricotomia Mensurar largura e profundida da ferida Guardar coleira
<i>Briga de cães</i>	<ul style="list-style-type: none"> Lesões características de punção no focinho, pescoço e patas Evidências de subnutrição e espancamentos 	<ul style="list-style-type: none"> Testar presença de esteroides, analgésicos, hormônios ou diuréticos
<i>Lesões por arma de fogo</i>	<ul style="list-style-type: none"> Pele forçada para dentro ou para fora na entrada ou saída de feridas, respectivamente 	<ul style="list-style-type: none"> Remoção das balas digitalmente ou com pinças envoltas em algodão

	<ul style="list-style-type: none"> • Pele ou pelo chamuscado com anéis de abrasão • Resíduos de tiro sobre ou dentro das feridas • Lesão por esmagamentos da pele, vasos sanguíneos e tecidos • Sinais de inflamação e infecção no tecido cíncundante 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografar cada ferida antes e após a limpeza • Tricotomizar e anotar os padrões de pólvora • Traços característicos de evidência de contusões
<i>Lesões por ligaduras</i>		
<i>Lesões por arma branca</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Comprimento de tipo de lâmina • Afilamento numa ou ambas as extremidades da ferida 	<ul style="list-style-type: none"> • Medição do comprimento e profundidade do ferimento • Retirar amostra de DNA humano ou animal

Fonte: Adaptada de Arkon (2015)².

Em todos os casos confirmados ou suspeitas de maus-tratos é importante atentar-se se o animal apresenta dor ou sofrimento. Caso o tutor tenha protelado quanto à procura de cuidados veterinários e, consequentemente prolongou o mau estado do paciente, comprometendo a capacidade de tratamento adequada do mesmo, considerações devem ser registradas em prontuário⁵⁷. Registros fotográficos podem ser de grande valia no armazenamento de indícios e impressões. Todas as provas físicas (coleiras incrustadas, fragmentos de balas, pelame queimado e outras) devem ser guardadas e identificadas. O profissional deve ter em mente que o animal – vivo ou morto – também é considerado uma prova⁵⁷.

Deve-se ter cautela e consciência de que o acompanhante do animal pode não ser o responsável pelo abuso ou seja alguém que também é coagido pelo autor dos maus-tratos⁵⁶.

Uma parcela dos casos de maus-tratos a animais pode ser resolvida por meio da conscientização e sensibilização do tutor. Essas situações ocorrem quando os

maus-tratos surgem por ignorância ou tradições culturais, e não por intenção específica de causar dano ou agravio ao animal⁵⁸. Dessa forma, todas as clínicas e hospitais veterinários devem estabelecer um protocolo para as suspeitas e confirmações de maus-tratos de modo a estabelecer uma linguagem específica para abordar um cliente sobre negligência⁵⁹.

Um protocolo para a denúncia de maus-tratos aos animais pode ser baseado em quatro pontos: reconhecimento; documentação; denúncia; testemunho⁵⁷.

O reconhecimento se dá a partir do momento que o tutor adentra a clínica ou hospital veterinário. Incongruências na abertura da ficha e detalhamento dos dados do tutor, informações divergentes ou relutância em descrever todos os detalhes do incidente, histórico problemático, bem como comportamento apreensivo do tutor; falta de preocupação com o animal, falta de conhecimento da rotina do animal; justificativas não compatíveis com as lesões, presença de lesões antigas/repetidas; animal apresentando medo do tutor ou de pessoas em geral, com comportamento submisso ou agressivo, tornando-se mais desinibido quando separado do tutor, são sinais que podem levantar suspeita de maus-tratos.

. É muito importante que notas sobre a explicação do tutor frente a condição do animal sejam registradas no prontuário e ficha clínica de forma precisa, inclusive se nenhuma for dada. Em situações onde estão presentes mais de uma pessoa responsável pelo animal, é importante verificar se a narrativa das todas são consistentes⁵⁶.

Certos comportamentos podem expor animais a risco de maus-tratos e incluem: a necessidade de supervisão constante, micção e defecação dentro de casa, doenças crónicas que causem encargos financeiros, comportamento de contraposição ou destrutivo, comportamento agressivo, e ruído excessivo. A investigação de ocorrência deste tipo de comportamento pode ser importante, já que estes animais podem ser vítimas de lesões não-acidentais com maior facilidade.

Como já abordado desde o início desta revisão, situações onde o responsável pelos maus-tratos é uma criança ou adolescente podem surgir. O médico-veterinário deve considerar a comunicação aos responsáveis da criança ou adolescente devido a seriedade da situação, visto que isso poderá indicar alterações do estado psicológico ou emocional deste indivíduo⁵⁶.

A documentação é base importante do processo legal e deve ser objetiva, minuciosa e honesta. Além do relatório clínico, o prontuário pode incluir fotos,

radiografias, sonografias, resultados de análises e todos os dados que possam ser relevantes⁵⁶.

Quando estas intervenções baseadas no diálogo e conscientização falham, ou em casos considerados mais graves, a denúncia aos órgãos competentes deve ser feita sempre que houver uma confirmação ou forte suspeita do diagnóstico de maus-tratos.

O testemunho ocorre em tribunal e na esfera judicial, sendo o último passo do processo legal. Levar os casos às autoridades é também um dever dos profissionais, previsto no Código de Ética do Médico-veterinário⁶².

Os maus-tratos aos animais é um dos diagnósticos mais desafiadores no trabalho do médico-veterinário, exigindo tempo, energia emocional, experiência, tato e até mesmo um pouco de coragem. Os profissionais podem ser relutantes em admitir que um cliente apresentaria um animal maltratado para o tratamento. No entanto, levando em consideração a realidade brasileira, em algum momento de suas carreiras estes profissionais serão testemunhas deste tipo de violência.

A Delegacia Eletrônica de Proteção Animal (DEPA) é o órgão responsável a receber as denúncias de maus-tratos aos animais. As ocorrências de violência doméstica podem ser registradas na Delegacia Eletrônica e, também, pelo Ligue 180. Para ambos os casos, todas as delegacias de polícia físicas também podem ser procuradas e, em situações de flagrante, a Polícia Militar deve ser acionada pelo 190⁵⁵.

Cada vez mais, os casos de crueldade animal estão sendo tratados com maior respeito e seriedade do que em qualquer outro momento no passado. Essa atenção crescente auxilia os veterinários a abordar a questão do bem-estar animal de forma mais completa e a concretizar o juramento de utilizar suas habilidades em prol de uma sociedade melhor.

Assim, os médicos veterinários tornaram-se sentinelas para identificar o abuso de animais e avaliar a necessidade de denúncia às autoridades apropriadas. Reconhecer e notificar a suspeita de abuso animal pode ser o primeiro passo para resolver uma situação de violência e tornar a sociedade um pouco mais segura. Ao executar esta função, o veterinário se insere dentro de uma abordagem de Saúde Única que une a medicina humana e veterinária em uma preocupação mútua com àqueles em maior risco.

7. CONCLUSÃO

O médico veterinário, junto aos demais profissionais de saúde, desempenha um importante papel como agente de transformação social. Conforme ressaltado por inúmeros estudos que baseiam a Teoria do Elo, o discernimento de questões sociais atrelado ao reconhecimento da violência animal, pode alavancar o rompimento de ciclos violentos. Assim como o desenvolvimento de políticas públicas, a inserção do tema no âmbito acadêmico deve ser estimulada como forma de conscientização profissional, pois no amplo contexto de Saúde Única onde o médico veterinário está inserido, estes profissionais devem ser preparados e estarem igualmente aptos para garantir o bem-estar animal, bem como salvar vidas humanas.

REFERÊNCIAS

- 1- ARKOW, P. The correlations between cruelty to animals and child abuse and the implications for veterinary medicine. *Can Vet J*, v.33, n.8, p.518-21, 1992.
- 2- ARKOW, P., MUNRO, H. The veterinary profession's roles in recognizing and preventing Family violence: The experiences of the human medicine field and the development of diagnostic indicators of Non-Accidental Injury. 2015.
- 3- ASCIONE, F.R. (ed). *The International Handbook of Animal Abuse and Cruelty: Theory, Research and Application*. West Lafayette: Purdue University Press, p.31-58, 2008.
- 4- BAENNINGER, R. *Targets of violence and aggression*. Elsevier, 1991.
- 5- CAPRIROLO, D.; JAITMAN L.; MELLO M. Os custos do crime: regiões selecionadas em detalhes. 2017.
- 6- CARLISLE-FRANK, P. et al. Selective battering of the family pet. *Anthrozoos: A Multidisciplinary J of The Interactions of People and Animals*, v.17, n.1, p.26-42, 2004.
- 7- COHEN, S. P. Can Pets Function as Family Members? *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n. 6, p. 621-638, 2002. ISSN 0193-9459.
- 8- CROOK, A. The CVMA Animal Abuse Position How we got here. *Can Vet J*, v.41, n.11, p.631-35, 2000.
- 9- FELTHOUS, A.R. Childhood antecedents of agressive behavior in male psychiatric patients. *Bulletin of the American Academy of Psychiatric and Law*, v.8, n.1, p.104-110, 1979.

- 10-GOMES, L. B. et al. Teoria do Elo: Maus-tratos aos animais e a violência interpessoal humana no contexto da Saúde Única. *Revista V&Z Em Minas*, [s. I.], 2019.
- 11-HAMMERSCHMIDT, J.; MOLENTO, C. F. M. Protocolo de perícia em bem-estar animal para diagnóstico de maus-tratos contra animais de companhia. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, v. 51, n. 4, p. 282-296, 2014.
- 12-LOCKWOOD, R. Animal cruelty and human violence: The veterinarian's role is making the connection – The American experience. *Can Vet J*, v.41, n.11, p.876-78, 2000.
- 13-MEAD, M. Cultural factors in the cause and prevention of pathological homicide. *Bulletin of the Menninger Clinic*, n.28, p.11-22, 1964.
- 14-MONSALVE, S. et al. The connection between animal abuse and interpersonal violence: A review from the veterinary perspective. *Research in Veterinary Science*, v.114, p.18-26, 2017.
- 15-ROBIN, M.; TEN-BENSEL, R. Pets and the socialization of children. *Marriage & Family Review*, v.8, n. 3-4, p.63-78, 1985.
- 16-WHO, WORLD HEALTH ORGANIZATION. KRUG, Etienne G. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002
- 17-IRVING-PEASE, E; RYAN, H; JAMIESON, A; DIMOPOULOS, E; LARSON, G; FRANTZ, L. Paleogenomics of Animal Domestication. In: LINDQVIST, Charissa; RAJORA, Om (Ed.). *Paleogenomics: Genome-Scale Analysis of Ancient DNA*. [s.l.]: Springer, 2018. p. 225-72.
- 18-OVODOV, N. D.; CROCKFORD, S. J.; KUZMIN, Y. V.; HIGHAM, T. F. G.; HODGINS, G. W. L. & VAN DER PLICHT, J. A 33,000-year-old incipient dog

- from the Altai Mountains of Siberia: evidence of the earliest domestication disrupted by the last glacial maximum. *PLoS ONE* 6(7): e22821. 2011.
- 19-LANTZMAN, M. *Vida em matilha, digo família*. 2007.
- 20-SERPEL, J.A. *The Domestic Dog: Its Evolution, Behavior and Interactions with People*. Cambridge University Press. pags 10-46, 1995.
- 21-COPPINGER, R., and COPPINGER, L. *Dogs: A New Understanding of Canine Origin, Behavior and Evolution*. Chicago, 2002.
- 22-ZIMEN, E. *The wolf, a species in danger*. Delacorte Press: New York. 373p, 1981.
- 23-KOLER-MATZNICK, J. *The Origin of the Dog Revisited*. *Anthrozoös* 15(2): 98 – 118, 2002.
- 24-HAVERBEKE, A., LAPORTE, B., DEPIERREUX, E., GIFFROY, J.M., DIEDERICH, C. *Training methods of military dog handlers and their effect on the team's performances*. *Appl. Anim. Behav. Sci.* 113, 110–122, 2008.
- 25-BRADSHAW, J. W. S. *The behaviour of the domestic cat*. Cabi, 2012.
- 26-SÃO PAULO. Centro de Controle de Zoonoses de São Paulo. *Criando um amigo: manual de prevenção contra agressões por cães e gatos*. São Paulo: Secretaria Municipal da Saúde/Prefeitura do Município de São Paulo, 2004.
- 27-SERPELL, J. A. *Domestication and history of the cat*. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 180-191.
- 28-BEAVER, B. V. *Comportamento felino: um guia para veterinários*. 2 ed. São Paulo: Rocca, 2003, p. 139-188.

- 29-XIMENES, L.R.B.; TEIXEIRA, O.P.L. Família multiespécie: o reconhecimento de uma nova entidade familiar. *Revista Homem, Espaço e Tempo*, v. 11, n. 1, 2017.
- 30-TATIBANA, L. S.; COSTA-VAL, A. P. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. *Revista Veterinária e Zootecnia em Minas, Belo Horizonte*, v. 28, n. 1, p. 12-18, 2009.
- 31-COSTA, E. C. Animais de estimação: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos (Dissertação de Mestrado em Saúde Pública). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2006.
- 32-SAVALLI, C.; ADES, C. Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para saúde e bem-estar do ser humano. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. (Coords.). *Terapia assistida por animais*. Barueri: Manole, 2016. p. 22-43.
- 33-SERPELL, J. A. As perspectivas históricas e culturais das interações dos seres humanos com animais de estimação. In: P. McCardle, S. McCune, J. A. Griffin, L. Esposito & L. S. Freund (Orgs). *Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos*. (pp. 27-40). Campinas, SP, 2011.
- 34-FARACO, C. B; PIZZINATO, A.; CSORDAS, M. C, MOREIRA, M. C; ZAVASCHI, M. L. S; SANTOS, T; OLIVEIRA, V. L. S; BOSCHETTI, F. L; MENTI, L. M. Terapia mediada por animais e Saúde Mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre. *Saúde Coletiva*, n.34, p.231-236,2009
- 35-GARCIA, M. P. Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães (Dissertação de mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

- 36-MIRANDA, M.I.L.A.R.M. *A importância do vínculo para os donos de cães e gatos nas famílias portuguesas* (Dissertação de mestrado em Medicina Veterinária).Universidade do Porto, Porto, 2011.
- 37-COSTA, E. C. JORGE, M. S. B., SARAIVA, E. R. A. & COUTINHO, M. P. L. Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa. *Psicologia: teoria e prática*, 11(3),2-15. 2009.
- 38-NARDY JF, TREMORI TM, BABBONI SD, SCHMIDT SEM, ROCHA NS, LANGONI, H. Acumuladores de animais e saúde pública. *Vet. e Zootec.* 2022; v29: 001-014.
- 39-SPCALA. Facts about the Link and the Cycle of Violence, 2012,
- 40-MACDONALD, J. M. The Threat do Kill. *The American Journal of Psychiatry*, Usa, vol. 120, nº 2, 1963.
- 41-NASSARO, M. R. F. Maus-tratos aos Animais e Violência contra as Pessoas. A aplicação da Teoria do Link nas ocorrências da Polícia Militar Paulista, 2013.
- 42-KELLERT, S.R.; FELTHOUS A.R.. Childhood Cruelty toward Animals among Criminals and Non-Criminals. *Human Relations* 38(12): 1113-1129. 1985.
- 43-TAPIA, F. Children who are Cruel to Animals. In: LOCKWOOD, R.; ASCIONE, F. R. (Orgs.). *Cruelty to Animals and Interpersonal Violence: reading in research and application*. Indiana: Purdue University Press, 1997.
- 44-PADILHA, M. J. Crueldade com animais x violência doméstica contra mulheres: uma conexão real. *AADAMA*; 2011.
- 45-KNIGHT, K. E.; ELLIS, C.; SIMMONS, S. B. Parental predictors of children's animal abuse: Findings from a national and intergenerational sample. *Journal of interpersonal violence*, v. 29, n. 16, p. 3014-3034, 2014.

- 46-BALDRY, A. C. Animal abuse and exposure to interparental violence in Italian youth. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 18, n. 3, p. 258-281, 2003
- 47-GULLONE, E., & Robertson, N. The relationship between bullying and animal abuse in adolescents: The importance of witnessing animal abuse. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 371-379. 2008.
- 48-CONNOR, M.; CURRIE, C.; LAWRENCE, A.B. Factors Influencing the Prevalence of Animal Cruelty During Adolescence. *Journal of Interpersonal Violence*, p. 1-24, 2018.
- 49-MONSLAVE S, GARCIA R, FERREIRA F. The connection between animal abuse and interpersonal violence: a review from the veterinary perspective. *Research in Veterinary Science*. 114 18-26. 2017.
- 50-BAQUERO, O. S. et al. Bayesians patial models of the association between interpersonal violence, animal abuse and social vulnerability in Sao Paulo, Brazil. *Preventive Veterinary Medicine*, v.152, p.48-55, 2018.
- 51-ROCHA YSG; GALDIOLI L; GARCIA RCM. Estratégia para avaliação de violência no âmbito da família multiespécie: Proposta de inclusão do animal de estimação na ficha de atendimento de mulheres vítimas de violência para rastreamento e avaliação de violência multiespécie. *Rev Clin Vet*, 25(46):46-50, 2020.
- 52-FRANZIN, L. C. S. et al. Child and adolescent abuse and neglect in the city of Curitiba. Brazil. *Child Abuse Neglect*. v.38, n. 10, p.1706–1714, 2014.
- 53-ASCIONE, F. R. Children Who are Cruel to Animals: A Review of Research and Implications for Developmental Psychopathology. *Anthrozoös: A multidisciplinary journal of the interactions of people and animals*, v.6, n.4, p.226-247, 1993.

- 54-ARKOW, P.; LOCKWOOD, R. Definitions of animal cruelty, abuse, and neglect. In: Brewster, M.P., Reyes, C.L., (ed). *Animal Cruelty: A Multidisciplinary Approach to Understanding*. Durham: Carolina Academic Press, p. 3-24, 2013.
- 55-Comissão de Bem-Estar Animal do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo. *Guia Prático para avaliação inicial de maus-tratos a cães e gatos*. São Paulo, 2018.
- 56-LINKS GROUP. *Recognising abuse in animals and humans Guidance for veterinary surgeons and other veterinary employees*. Links Group. 2013.
- 57-BALKIN, D. *Animal Cruelty: From suspicion to conviction: A prosecutor's guidelines for veterinarians*. Denver: Office of the District Attorney, 2nd Judicial District. 2010.
- 58-DEDEL, K. *Animal Cruelty Problem-Specific Guides Series. Community Oriented Policing Services U.S. Department of Justice*. 2012.
- 59-WILSON, J. F., ROLLIN, B. E., & GARBE, J. L. *Law and Ethics of the Veterinary Profession*. Longmeadow: Priority Press. 1993.
- 60-NEWBEY, S., & MUNRO, R. *Forensic veterinary medicine 1. Investigation involving live animals*. In *Practice* 33, 220-227. 2011.
- 61-FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 – ed. 3, p1-10*, 2020.
- 62-Código de Ética do Médico Veterinário, CFMV. DOU de 25-01-2017, Seção 1, págs. 107 a 109. 2017.
- 63-PETERSEN, L.M. and FARRINGTON, D.P. "Cruelty to Animals and Violence to People." *Victims & Offenders* 2 (1). Taylor & Francis Group : 21–43. 2007.

- 64-HELLMAN, D.S. & BLACKMAN, N. Enuresis, firesetting, and cruelty to animals: A triad predictive of adult crime. *American Journal of Psychiatry*, 122, 1431-1435. 1966.
- 65-TAPIA, F. Children Who Are Cruel to Animals. *Child Psychiatry and Human Development*. 1971.
- 66-ASCIONE, FR; WOOD, DS. The abuse of animals and domestic violence: A national survey of shelters for women who are battered. *Society & Animals: Journal of Human-Animal Studies*, 5(3), 205–218. 1997.
- 67-DATA SENADO. Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. Secretaria de Transparência. 2013.
- 68-PHILLIPS, A. Understanding the Link between Violence to Animals and People: A Guidebook for Criminal Justice Professionals, Alexandria: National District Attorneys Association, 2015.
- 69-ONU Mulheres. Diretrizes para atendimento em casos de violência de gênero contra meninas e mulheres em tempos de pandemia da COVID-19. 2020.
- 70-DIAS, R A. *Canis lupus familiaris: uma abordagem evolutiva e veterinária*, São Paulo: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo, 2019.
- 71-ABINPET. Mercado Pet Brasil. 2022. Disponível em: https://abinpet.org.br/wp-content/uploads/2022/08/abinpet_folder_dados_mercado_2022_draft3_web.pdf
- 72-Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Maus-tratos entre crianças e adolescentes: perfil inédito das vítimas e circunstâncias desse crime no Brasil. 2022.

73-Diário Oficial do Município de São Paulo (DOM-SP) de 1 de Fevereiro de 2022, pag 95.

74-SOARES IC, SANTOS KA dos. A não maternidade por opção: depoimentos de mulheres que não querem ter filhos. Revista Ártemis [Internet]. 22º de dezembro de 2020 [citado 9º de dezembro de 2022];30(1):384-400. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/51355>